

“PENSAMENTOS E... PRECONCEITOS”:  
UMA COLUNA MISÓGINA  
NA REVISTA *VIDA CAPICHABA*

---

“THOUGHTS AND... PREJUDICES”:  
A MISOGYNIST COLUMN  
IN THE MAGAZINE *VIDA CAPICHABA*

Késia Gomes da Silva\*

A sociedade brasileira firmou-se mediante a ideologia do patriarcado, onde a figura masculina – exercendo pleno poder sobre o seio familiar – colocava a mulher numa condição de subordinação ao homem, sendo suas atividades direcionadas a valorização das tarefas domésticas e da intimidade materna (D’INCÃO, 2017, p. 223). Assim, a formação social brasileira é constituída pelo atravessamento dos discursos predominantemente masculinos e, por conseguinte, de uma formação ideológica preexistente.

Para Eni Orlandi (2001), todo discurso é estabelecido na relação com o discurso anterior e aponta para outro que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante daquela conjuntura. Em consonância com esse pensamento, Michel Foucault (1996) propõe que o

---

\* Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

discurso é um fenômeno linguístico e social, organizando o desenvolvimento da sociedade e regendo regras que devem ser estabelecidas através de princípios de interdição.

Nesse sentido, tomando como ponto de partida as transformações culturais e urbanas que os anos de 1920 provocaram no Brasil (SILVA, 2014, p. 18), na qual o discurso dominante patriarcal predominava nas camadas sociais, intervindo no funcionamento social, seleciona-se uma série de textos publicados na coluna "Pensamentos e... preconceitos", de Donato<sup>1</sup>, colunista que escreveu na revista *Vida Capichaba*, a maior representante na reprodução de conceitos e atitudes sociais na imprensa capixaba entre os séculos XIX e XX no Espírito Santo (ROSTOLDO, 2000, p. 277).

A *Vida Capichaba* possui uma variedade de colunas que retratam comportamentos, padrões e opiniões da sociedade capixaba. Nesses espaços, era muito comum que colunistas abordassem temáticas misóginas e preconceituosas a respeito das mulheres, pois as mesmas se constituíam como um reflexo do mundo das aparências que atingia diretamente o núcleo familiar e suas relações de poder, as quais são atravessadas na revista por meio de um discurso em que predomina a defesa da manutenção das aparências e, como consequência, o controle patriarcal (NOVAES, 2006, p. 82).

À vista disso, temos a coluna "Pensamentos e... preconceitos", do colunista Donato. De origem latina, "donatio" ou "donator" refere-se à doação, dádiva presente (FARIA, 1962, p. 327). Em relação ao título da coluna, nota-se que o autor interliga ironicamente duas ideias com significados distintos, sendo "pensamentos", o ato de refletir de forma inteligente sobre algo; em contrapartida, "preconceito" está relacionado ao ato de conceber opiniões

<sup>1</sup> Ainda não foram encontrados dados na revista *Vida Capichaba* que nos forneçam maiores esclarecimentos sobre a identidade do colunista e sua influência social naquela época (Cf. "Pseudônimos e pseudônimos na Vida Capichaba", de Guilherme Santos Neves, disponível em <https://periodicos.ufes.br/fernao/article/view/31394/20915>). A única indicação mais evidente no periódico sobre o autor, é que possui um envolvimento social com Gil Cidal (cuja identidade semelhantemente ainda não foi apurada), e que, em alguns momentos, sua assinatura aparece como "Dona" (provavelmente uma falha na composição dos linotipos na gráfica).

formadas e sem reflexão crítica acerca de algum assunto (FIGUEIREDO, 2010). A inserção das reticências “Pensamentos e...” reforça o espaço da coluna reservado à expressão (não omissa) de opiniões preconceituosas sobre as condutas das mulheres e, ainda, garante a pressuposição do leitor aos conteúdos abordados nas provocações do colunista.

Tal coluna teve seu surgimento em 1929 com as primeiras exposições de Donato no número 158, perdurando até o n. 173, de 1929. Vale ressaltar, no entanto, que entre os números 162 e 173, não houve publicação do autor nessa coluna.

Curiosamente, no número 162 o colunista substitui o título rasgado “Pensamentos e... preconceitos”, para “Preconceitos de... amor”, abandonando, brevemente, as alfinetadas para com as mulheres e passando a criticar em tom mais ameno o tema do amor. De maneira análoga, no número 176, de 1929, Donato novamente torna a aparecer com a temática romântica, a cujo apontamento dá-se o nome de “Registro amoroso”. Ainda no ano de 1929, podemos encontrar aparições do colunista nos respectivos números: n. 163, com uma nota a Gil Cidal<sup>2</sup>, 164, com “Pétala Solta”, e n. 166 em “Despertando”.

Em relação à coluna proposta para esta seleta, sua aparição manteve-se somente nos registros iniciais de 1929, sendo estes: n. 158, n. 159, n. 160, n. 162 (com “Preconceitos de... amor”) e, n. 173.

Trata-se de notas curtas e, embora não definidas pelo autor, muito semelhantes ao gênero literário aforismo por adotar uma linguagem breve e de cunho moralizante. Os textos foram transcritos respeitando sua grafia original. Ainda que curtas, não foram inseridos na seleta todas as passagens, ao contrário disso, a seleção deu-se mediante textos que abordassem de forma mais pontual os diversos preconceitos do colunista em relação às mulheres. Nesse sentido, convém explicitar essas temáticas recorrentes já no primeiro número: 158.

---

<sup>2</sup> Esse autor também escreveu nas páginas da revista em 1929, por meio de notas curtas como “Aplicações...”, presente no número 159, ou ainda, com textos demasiadamente longos e irreverentes no tocante ao tema *mulher*, tal como “Coquetês e Vampiros”, publicado no número 158 daquele ano.

Observa-se que, nos três textos selecionados o autor não poupa insinuações contra as atitudes das mulheres, seja comentando algum feito histórico, religioso, seja fazendo uso do pensamento de figuras com certo prestígio social para fortalecer suas críticas femininas. Por exemplo, ao evocar que a verdadeira felicidade é encontrada somente “em ambientes virtuosos, onde se conservam as donzelas puras”, Donato deixa claro sua aversão às mulheres que não correspondem ao ideal de “pureza”, “fragilidade” e “recato”, isto porque tais moças estariam corrompendo as virtudes esperadas pela sociedade burguesa. Esse comparativo se justifica na presença de palavras como “pura”, “lírio” e “candura recatada”, que conduzem para o protótipo de conservação da virgindade, da moça destinada às tarefas domésticas e de serventia ao marido (PINSKY, 2017, p. 610).

Ainda sobre as inquietações virtuosas, o colunista expõe um pensamento sobre o vínculo de Helena de Tróia e o insucesso dos cortejos masculinos com as mulheres.

Na mulher todas as acções são presididas pelo coração. E um espirito lúcido de homem inteligente, ao envez de exasperar-se com o insucesso, deverá verificar que a sua actuação não fora eficiente — Troya. Entretanto parece-me que foi antes o ciúme de seu esposo Meneláu, ao vel-a em mãos de outro (DONATO, 1929, n. 58).

Na mitologia grega, Helena era considerada a mulher mais bela do mundo. O mito retrata o momento em que Zeus escolheria a deusa mais bela do Olimpo; durante a cerimônia de casamento de Tétis e Peleu, celebrada no Monte Pélion, reunindo todos os deuses e musas, Éris, a deusa da discórdia, surgiu furiosa na festa lançando o Pomo de Ouro da Discórdia destinado à eleita mais bela por Zeus. Essa disputa é realizada entre Hera, Atena e Afrodite, entretanto, fica a cargo de Páris, filho do rei Príamo de Tróia, escolher a grande musa (BIGONHA, 2022, p. 59).

A fim de influenciá-lo, as musas competidoras então, realizaram promessas, mas foi a de Afrodite que despertou interesse em Páris. Prometendo-lhe a deusa mais bela do Olimpo, futuramente Páris busca pelo amor de Helena, rainha de Esparta

e esposa de Menelau. Após longos anos de espera pelo desejo em raptar Helena, Páris finalmente teve sua oportunidade quando Menelau viajou, ocasionando em conflitos surgidos entre troianos e aqueus.

Esse episódio aos olhos do colunista Donato parece nortear o leitor ao entendimento de que Helena é símbolo da maldição moral por sua beleza e, portanto, os homens deveriam ficar atentos ao relacionamento com mulheres muito belas, pois as mesmas, assim como Helena, poderiam fugir com amantes ou pretendentes causando uma desordem moral na esfera familiar.

Concluindo a coluna de forma ainda mais provocativa, Donato se apropria de novas referências para alfinetar o público feminino. Ao levantar uma constatação de Madame de Saussure sobre o comportamento de mulheres de “uma certa educação”, é possível perceber a maneira nada sutil com que o colunista toca no tema da vaidade feminina: “Madame Necker de Saussure constatou que, nas moças de uma certa educação, o desejo de agradar e de serem amadas é muito maior do que o de amar”. Vale lembrar que Madame de Saussure foi educadora genebrina e suíça, além de defensora da educação feminina (DELISLE, 2002, p. s/p)<sup>3</sup>.

Nota-se que essa colocação faz parte de uma tentativa de evitar a emancipação da vaidade feminina, a partir da fala de outra mulher. Esse ponto incomoda de forma tão particular os homens que, o próprio colunista utiliza comparações de asfixia, perda do senso artístico e falta de capacidade amorosa em mulheres que se preocupam com a sua vaidade, inclusive, propondo alegorias — “*Mademoiselle Orgulho, Miss Rua, Senhorinha Futilidade, etc.*,” — que retratam o estereótipo da mulher fútil, vulgar e que esbanja dinheiro com variados produtos de moda e beleza.

---

<sup>3</sup> "Mais Albertine Necker de Saussure est surtout connue comme l'auteur de L'Éducation progressive. [...]. Nous n'aurions pas tracé un portrait fidèle d'Albertine Necker de Saussure si nous avions passé sous silence ses préoccupations concernant le sort réservé aux femmes".

Para mais disso, suas espetadas são reforçadas pelo escritor e poeta francês Guy de Maupassant, que teve grande atuação em críticas sociais de cunho realista, em especial, em seus contos de temática feminina (NEVES, 2012, p. 24).

Essas alusões são igualmente fortificadas por meio da inserção de algumas palavras no texto, tais como, “deturpar”, cujo significado é algo feio, desfigurado e deformado; “insipido”, desinteressante ou monótono; e “desmedido”, isto é, exagerado, concluindo assim, que o autor expressa nesses textos aversão à transgressão feminina, medo da vaidade e do rompimento de valores morais socialmente estabelecidos.

Nessa mesma linha, no número 159, Donato se apropria de um tom sarcástico, ao levantar suas provocações, agora com interesse no tema do divórcio. O colunista inicia quase como se estivesse propondo uma mesa de quebra de braço, em que o lado mais forte ganharia não devido à força física, mas à sua esperteza e ao seu prestígio perante a ordem burguesa.

Isso é verificado nos primeiros textos desse número em que o autor aborda as relações benéficas do divórcio para o homem, ao passo que a mulher fica em estados delicados socialmente por conta de sua situação de desquite, ainda que a Justiça garanta seus direitos.

Para isso, o colunista compara o cenário anterior cujas mulheres eram supostamente “protegidas”, bem cuidadas e zeladas pelos maridos no matrimônio, não cabendo-lhes motivação para solicitar o divórcio: “nossos legisladores antepassados tiveram a maior bôa vontade de proteger as mulheres no matrimônio”, com a conjuntura desigual no século XX (e que ainda perdura em muitas situações) quando os homens casados ou não possuíam plena liberdade sem julgamentos: “O homem desquitado continúta tão livre como sempre: Fará o seu destino como entender — pois a sociedade lhe assegura todas as franquias...”.

Em conformidade com essas ideias, outro texto chama a atenção. Donato escreve que as mulheres, quando perturbadas, não agem como deveriam agir, mas,

quando calmas, recebem impressões justas, sendo nesse momento que os maridos, namorados e noivos deveriam justificar suas “faltas”. Na sociedade conservadora dos anos 1920, essa “falta” era entendida como situações que provocavam a desconfiança feminina sobre seus companheiros, resultando no estado de “perturbação”. A fim de evitar isso, os homens deveriam justificar a constante ausência em momentos oportunos de calma feminina, isto é, de não desconfiança, mas sim, de amorosidade.

Ademais, outro assunto destacado em seus pensamentos é o *flirt*. A mulher que flertava diariamente, na concepção de Donato, era descompromissada com o matrimônio e com o ideal de “recato” esperado pelas donzelas, o que incomodava a sociedade. Assim, o colunista também dedica alguns de seus textos à desaprovação desse tipo de vício.

Quanto mais pureza mais vida; quanto mais vida mais amor; quanto mais amor mais felicidade. Portanto, quem quiser a felicidade que a procure em ambiente virtuoso, onde as donzellas se conservam puras como o lírio, que representa a candura recatada (DONATO, 1929, n. 159).

O *flirt*, para ele, se configura como uma maneira de intoxicar a alma feminina, afastando-a do “verdadeiro amor” que a conduzirá ao casamento e ao ideal de felicidade almejada pelos homens. Por esse motivo, Donato declara que as donzelas, que se casarem com os conhecimentos adquiridos somente por meio de *flirts*, sofrerão uma grande decepção. Nota-se o teor negativo que é colocado sobre essas atitudes, como se ele estivesse amaldiçoando o casamento das moças que cometessem essa falta.

O colunista finaliza suas recomendações, criticando os rapazes que cortejam donzelas ingênuas, apontando, ainda, que eles as iludem com palavras e aparências imaginativas para desvirginarem-nas. No caso das casadas, ele compara os amantes com os rouxinóis, isto é, pássaros que possuem uma plumagem bonita e exuberante, além de terem o canto suave e vibrante, seduzindo a todos. Esses amantes fazem as mulheres “perderem a razão” e

entregarem-se, cometendo o adultério, pois não encontram em seus maridos valorização por elas.

Já no número 160, esbarramos com passagens rápidas e de manifestações estritamente possessivas: “A mulher, que escolher o marido pela aparência física ou pela opinião das outras — não o escolheu para si — escolheu o para as outras” (DONATO, 1929, n. 160).

O autor faz algumas considerações no que tange ao caráter e ao comportamento na escolha dos maridos pelas mulheres, como o ciúme e a relação possessiva que um pode ter com o outro. Ainda mais instigante, Donato finaliza esse número, criticando o feminismo numa clara alusão às reivindicações das mulheres surgidas entre os séculos XIX e XX, em prol do banimento das diferenças de gênero (RANGEL, 2011, p. 163).

Sem perder de vista o estilo misógino, Donato escreve suas últimas colocações de “Pensamentos e... preconceitos” no número 173, adotando um posicionamento sobre o ciúme. Com fortes desaprovações do tema, especialmente quando parte da mulher, o colunista conduz as leitoras da época justamente para um lugar onde devem se manter caladas diante de situações que as incomodam.

Onde entrou o ciúme, fugiu para bem longe a alegria e o contentamento. O ciumento é algoz de si próprio, e o verdugo inconsciente do objecto, que mais ternamente ama (DONATO, 1929, n. 173).

Esse pensamento conversa com os textos anteriores, principalmente no que concerne aos privilégios masculinos, em detrimento dos femininos. Os textos finais expressam uma estrutura de poder que – na visão masculina – não pode ser alterada, e pautam-se em valores em que as mulheres sempre são colocadas como “sexo frágil”, portanto, secundário, destinadas exclusivamente à servidão e obediência ao marido, tal é a configuração do discurso de Donato em sua coluna.

Para Orlandi (2001, p. 73), o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade, mas funciona de modo a assegurar a permanência de certa representação. Esse pensamento é comprovado na sociedade do século XX por meio de colunistas como Donato que escreviam na revista *Vida Capixaba* buscando validar arquétipos femininos, tais como, a ingênua, sedutora e vaidosa.

Apesar de muitas situações e opiniões expostas nesses textos de Donato ainda serem comuns na sociedade atual, busca-se constantemente desvincular a figura feminina dos paradigmas patriarcais de submissão, e, sobretudo, construir movimentos de combate às situações de misoginia, racismo, preconceito, superioridade masculina e diversas outras violências às quais as mulheres ainda são submetidas. Isso justifica a escolha por estes textos, a fim de compartilhar o conhecimento de um passado, especialmente capixaba (e preservado em arquivos históricos), que não mais poderá ter sua permanência de forma corriqueira.

## Referências

BIGONHA, Roberto da Silva. *Mitologia grega vista das alterosas*. Belo Horizonte: MG, 2022.

DELISLE, Jean. Albertine Necker de Saussure. *Circuit*, n. 75, p. 28-29, 2002.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 223-240.

DONATO. Pensamentos e... preconceitos. *Vida Capixaba*, Vitória, n. 158, 1929. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

DONATO. Pensamentos e... preconceitos. *Vida Capixaba*, Vitória, n. 158, 1929. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

DONATO. Pensamentos e... preconceitos. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 159, 1929. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

DONATO. Pensamentos e... preconceitos. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 160, 1929. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

DONATO. Pensamentos e... preconceitos. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 162, 1929. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

DONATO. Pensamentos e... preconceitos. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 173, 1929. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Ebook, Nova edição, 1913.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 23. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENCKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.

NEVES, Angela. *Contistas à Maupassant: a recepção criativa de Guy de Maupassant no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) — Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-15032013-105952/publico/2012\\_AngelaDasNeves1.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-15032013-105952/publico/2012_AngelaDasNeves1.pdf). Acesso em: 28 maio 2024.

NOVAES, Joana de Vilhena. *O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

PACHECO, Renato. As publicações literárias (ou quase). In: NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *História da Literatura do Espírito Santo*. Vitória: Edufes, 2023. 3 v. v. 3, p. 110-130. Disponível em: <<https://edufes.ufes.br/items/show/715>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 607-639.

PRIORE, Mary del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. *Feminismo ideal e sadio: os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas - Vitória/ES (1924 a 1934)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: <[https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/Hist%C3%B3ria-UFES/UFES\\_PPGHIS\\_L%C3%8DVIA\\_AZEVEDO\\_SILVEIRA\\_RANGEL.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/Hist%C3%B3ria-UFES/UFES_PPGHIS_L%C3%8DVIA_AZEVEDO_SILVEIRA_RANGEL.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2024.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. *Vida Capichaba: o retrato de uma sociedade - 1930. Dimensões*, Vitória, v. 11, p. 269-281, jul./dez. 2000.

SILVA, Cecília Nunes. *Entre o matrimônio, a beleza, a moda e esportes: imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1925-1939)*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/1315>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SILVA, Késia Gomes da. *A chacota dos homens: a mulher e o riso na revista Vida Capichaba*. Disponível em: <[https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/piic/rel\\_final\\_12657\\_Relat%F3rio%20final%20de%20K%E9sia%20Gomes%20da%20Silva.%20PIIC%202018.pdf](https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/piic/rel_final_12657_Relat%F3rio%20final%20de%20K%E9sia%20Gomes%20da%20Silva.%20PIIC%202018.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2024.

VIDA Capichaba. In: BIBLIOTECA Nacional Digital – Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2021-. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

## SELETA

### “PENSAMENTOS... E PRECONCEITOS”, DE DONATO

***Vida Capichaba, Victória, n. 158, [s. p.], 1929***

Quanto mais pureza mais vida; quanto mais vida mais amor; quanto mais amor mais felicidade. Portanto, quem quizer a felicidade que a procure em ambiente virtuoso, onde as donzellas se conservam puras como o lírio, que representa a candura recatada.

>>>

Não ha motivo que justifique um homem ficar odiando a uma filha de Eva, por não haver-lhe esta correspondido á corte que elle lhe fizera.

Na mulher todas as acções são presididas pelo coração. E um espirito lúcido de homem intelligente, ao envez de exasperar-se com o insuccesso, deverá verificar que a sua actuação não fora eficiente — Troya. Entretanto parece-me que foi antes o ciúme de seu esposo Meneláu, ao vel-a em mãos de outro.

Dez annos durou a destruição — tempo sufficiente para fazer desaparecer a belleza de Helena, porém, não para sustar a vingança movida pelo ódio mortal, que somente o egoísmo ou o amor próprio offendido pode gerar.

>>>

Madame Necker de Saussure constatou que, nas moças de uma certa educação, o desejo de agradar e de serem amadas é muito maior do que o de amar.

Esta deturpação da natureza se transforma em um requinte de vaidade, que vae a pouco e pouco asphyxiando, na mulher, a faculdade de amar. Extingue lhe o gosto vivo e espontâneo, o senso artístico, e, segundo Maupassant, até mesmo a sensualidade intelligente.

O insípido e desmedido culto de si própria, é o único sentimento que a domina. *Mademoiselle* Orgulho, Miss Rua, Senhorinha Futilidade, etc., são os mais modernos productos de tal agressão á natureza.



Capa e fac-símile da página de Donato no número 158, de *Vida Capichaba* (FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira).

***Vida Capichaba, Victória, n. 159, [s. p.], 1929.***

Eva, não admittindo o divorcio, os nossos legisladores antepassados tiveram a maior bôa vontade de proteger as mulheres no matrimônio.

Infelizmente, porém, em vez de ampararem-nas, como desejavam, tornaram-lhes mais critica e mais difficil a situação: A mulher, na lei vigente, uma vez desquitada do marido, fica, em estado embaraçoso e delicado perante a sociedade:

Não é casada, porque se separou por lei. Não é solteira, porque esteve casada. Viuva não será, emquantó viver o ex-marido, e, por isso, não poderá pleitear novamente a felicidade. E' bôa... Qual será, então, a sua situação? Ficará á margem da vida?

>>>

O homem desquitado continúa tão livre como sempre: Fará o seu destino como entender — pois a sociedade lhe assegura todas as franquias...

>>>

A alma feminina não recebe impressões justas, se não quando está calma. Quando perturbada, nada age sobre ella como deveria agir. Os namorados, os noivos e os maridos deverão esperar aquelle momento opportuno para justificar as suas «faltas».

>>>

O «flirt» é uma intoxicação lenta da alma da mulher. Administrado diariamente, em pequenas doses, torna-lhe o organismo insensível a um sentimento verdadeiro e grande — o amor.

>>>

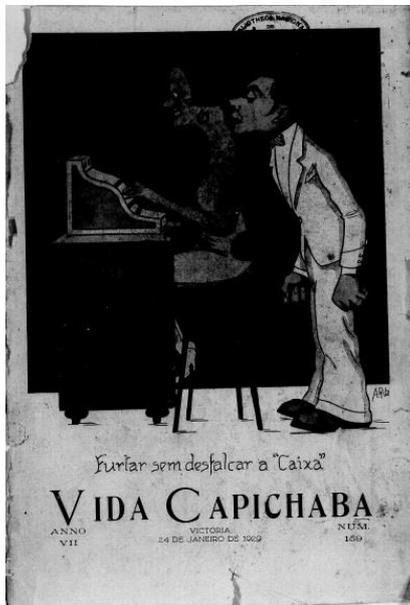
A donzella que se casa, levando apenas os conhecimentos de amor, que adquiriu em seus vários «flirts» e namoros, tem grande decepção:

Julga-se lograda em seu quinhão de amor.

O melhor marido, neste caso, é julgado inferior áquelles desvirginadores de almas, que murmuravam á ingênua donzella, nos salões e em outros colloquios, palavras de amor, saturadas de desejos inalcançados — diluindo a neve alva e pura, que lhe revestia a alma.

>>>

O único processo de fazer uma mulher voltar á razão e ficar conhecendo o valor de seu bom marido, seria fazel-a casar com cada um dos «rouxinões», cujas apparencias e palavras lhe exaltaram a imaginação.



Capa e fac-símile da página de Donato no número 159 de *Vida Capichaba* (FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira).

**Vida Capichaba, Victória, n. 160, [s. p.], 1929.**

A mulher não pode amar com paixão a um homem, que ella governa.

>>>

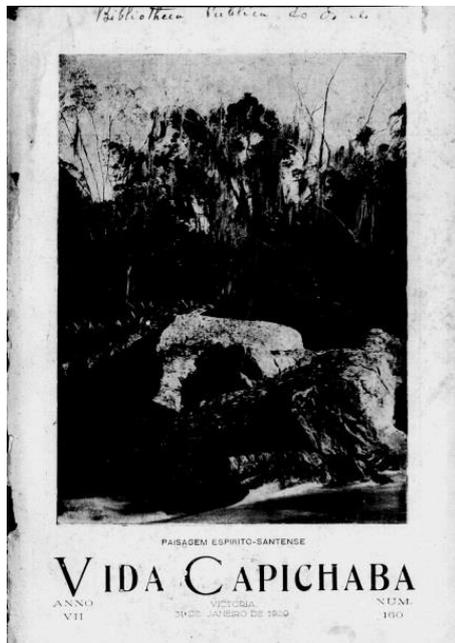
A mulher, que escolher o marido pela apparencia physica ou pela opinião das outras — não o escolheu para si — escolheu o para as outras.

>>>

O sultão Schariar mandava matar cada uma das donzelas, que desposava, após a primeira noite de núpcias. Eis ahi a manifestação doentia de um ciúme póstumo: commettia aquella ignomínia como vingança da traição, que lhe fizera a primeira esposa.

>>>

A victoria do feminismo será a sua própria derrota.



Capa e fac-símile da página de Donato no número 160 de *Vida Capichaba* (FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira)

***Vida Capichaba, Victória, n. 173, [s. p.], 1929.***

A maioria das mulheres não tem princípios. Conduzem-se pelo coração, e os seus méritos dependem de quem ellas amam.

>>>

Uma mulher só examina o principio de seus deveres, quando pretende delles libertar se ou para justificar-se de havel-os violado.

>>>

As mulheres poderiam prolongar a sua felicidade, si tivessem experiência de amor. Mas a experiência do amor, na mulher, assemelha se ao indivíduo, que mandou amputar as pernas para ter noção verdadeira do valor das mesmas: fica com a experiência, mas imprestavel para toda a vida.

>>>

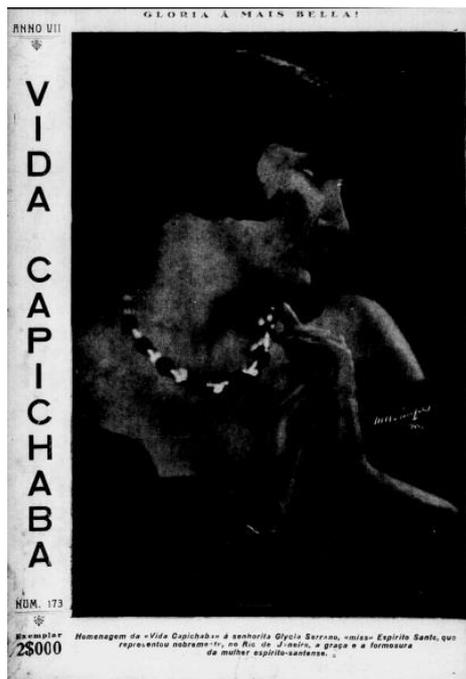
A mulher ciumenta, diz o Livro Santo, tem um chicote â bocca, e este chicote é a propria língua.

>>>

O ciúme na mulher é quasi sempre a manifestação de um ferimento em seu amor proprio. No homem é uma tortura profunda, como soffrimento moral ininterrupta, como soffrimento physico.

>>>

Onde entrou o ciúme, fugiu para bem longe a alegria e o contentamento. O ciumento é algoz de si próprio, e o verdugo inconsciente do objecto, que mais ternamente ama.



Capa e fac-símile da página de Donato no número 173 de *Vida Capichaba* (FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira).